ANÁLISE DE CONTEXTO

Guia metodológico

Solidaridad, Resistencia, Esperanza



ÍNDICE

O QUE ESSE GUIA QUER SER? 3

ANTES DA ANÁLISE/TRABALHO PREPARATÓRIO 4

ANÁLISE DE CONTEXTO 5

- Do local ao geral 5
- O panorama geral 6
- Causas e fatores estruturais 6
- Ferramentas 7
- Manifestações 8
- Atores 9
- Papel do Estado 9
- Generalizações e especificidades 10
- Retornando ao local, com uma perspectiva diferente 10

O QUE ESSE GUIA QUER SER?

Este guia metodológico foi concebido como uma ferramenta de aprendizado acessível e prática para ajudar os movimentos sociais e as organizações a realizarem uma ou mais análises de contexto, ou seja, para esclarecer, organizar e documentar seu conhecimento da situação ou do contexto local, nacional ou internacional relacionado a uma determinada questão. Essa metodologia, que pretende ser acessível e estruturada, espera fornecer às nossas organizações as chaves para analisar e documentar um contexto específico.

Por que é importante realizar análises de contexto regularmente?

Como organizações SoliREsp, identificamos como um problema comum a criminalização e a repressão de nossos movimentos e organizações sociais, bem como de seus ativistas e militantes. A análise de contexto nos permite identificar as causas estruturais por trás dessas ações de repressão e criminalização e entender melhor como funcionam os dispositivos usados nesse processo, a fim de encontrar respostas que nos permitam tomar medidas eficazes. Em outras palavras, a análise do contexto é um exercício de interpretação da realidade para agir sobre ela. Não se trata apenas de um exercício teórico, mas de uma prática política que nos orienta a responder ao contexto em que nos encontramos.

Qual é a finalidade/objetivo de uma análise de contexto?

1. Saber o que está acontecendo com nossas organizações no campo da criminalização
2. Entender as raízes da criminalização.
   Revelar quem são os principais antagonistas e a correlação de forças*.
3. Conhecer estratégias de ação antagônica.
4. Apontar as linhas estratégicas de nosso campo político.
5. Identificar possíveis ações.

* Correlação de forças é uma expressão que significa medir as forças que aqueles que nos atacam têm e as forças que nós, nossos movimentos/organizações, temos. Quem tem mais força, capacidade, naquele momento? Para quem a correlação de forças é favorável? E podemos planejar ações, criar estratégias para mudar a correlação de forças quando ela não estiver a nosso favor.

A análise de contexto é usada para

1. Prevenir ou reduzir ameaças
2. Aprimoramento das medidas de segurança
3. Definir prioridades e estabelecer estratégias,
4. Estabelecer estruturas de monitoramento e avaliação,
5. Identificar as causas e os motivadores do elemento em análise,
6. Entender a melhor maneira de lidar com a situação em que vivemos.

Durante nossa formação política em Abidjan, estudamos a criminalização dos defensores dos direitos humanos nos movimentos sociais. Entretanto, a análise do contexto pode ser usada para estudar uma ampla gama de outras questões, como o neocolonialismo ou a persistência do patriarcado, por exemplo.



Lembrete metodológico:
análise do contexto e análise de conjuntura

A análise de contexto é caracterizada pela definição de um período de tempo (que pode ser de meses, anos etc.) ao longo do qual as categorias de análise são aplicadas e que permite comparações de "longo alcance" com outros períodos de tempo semelhantes. Ela também permite que sejam feitas comparações entre diferentes locais nos mesmos períodos de tempo definidos para a análise.

A análise da conjuntura leva em consideração os eventos imediatos e presentes em um determinado espaço ou lugar. Essa análise do presente, dos "tempos curtos", é caracterizada pela leitura da relação de forças a partir de uma perspectiva de classe, e as categorias de análise buscam chegar a conclusões ou respostas a perguntas relacionadas ao presente imediato.



A análise situacional deve incluir elementos objetivos (econômicos, políticos, etc.) e subjetivos (nossa força, nossas debilidades, nossa capacidade de intervenção, etc.). Como usamos elementos subjetivos, devemos reconhecer o viés subjetivo inicial. Não realizamos análises acadêmicas abstratas, mas como sujeitos políticos, com base na materialidade de nossas lutas.

Nesse sentido, as análises de contexto são o resultado de processos coletivos, nos quais ocorre um diálogo de conhecimento entre os grupos sociais diretamente afetados pela criminalização e pela violência e outros grupos externos que contribuem com outras perspectivas, enriquecendo a análise. Esses grupos externos podem ser de universidades, ONGs, sindicatos etc. Eles devem ser grupos dos círculos de alianças nos quais depositamos nossa confiança.

Visão interseccional: os militantes de movimentos sociais e organizações cujas ações são percebidas como um desafio aos sistemas patriarcais e heteronormativos muitas vezes enfrentam ameaças e ataques porque desafiam o entendimento assumido da identidade, do lugar e do papel das mulheres e rompem com as relações de poder de gênero. Da mesma forma, as ações de indivíduos militantes que questionam a posição que ocupam dentro de castas, tribos, clãs, etnias ou raças e nações também podem ser criminalizadas por isso.

ANTES DA ANÁLISE: TRABALHO PREPARATÓRIO

A. Defina o tópico/área de interesse

Durante essa primeira fase, o objetivo é chegar a um acordo sobre o tópico que seja relevante para o seu contexto, sua organização. O que você deseja analisar?

Por exemplo, a criminalização de pessoas e movimentos/organizações sociais que se concentram nos direitos humanos ambientais

B. Defina o problema

Você precisa pensar sobre o problema subjacente ao tópico de análise que escolheu. Pense no problema que você analisará e abordará durante sua análise de contexto. Que problema você tem em mãos?

Por exemplo: os movimentos sociais não têm mais a possibilidade de se expressar como desejam. Aumento da repressão por parte de estados e empresas.

C. Defina o objetivo

É importante pensar por que você deseja construir uma análise, por que ela é útil em seu contexto e como ela pode ser útil.

Por exemplo, A importância da análise e de torná-la nossa referência para nossas estratégias e ações. Conhecer os instrumentos que nos auxiliam. Conhecer nossos pontos fracos e fortes.

Durante essa sessão, também é útil pensar sobre o que eles querem evitar durante essa análise e quais erros tendem a cometer.

D. Definição de um período de análise e um território geográfico

As forças políticas e as tendências históricas implicam que o que estamos estudando faz parte de um período de tempo. Na metodologia de pesquisa histórica, recomenda-se analisar um período de pelo menos 5 anos; a partir daí, podemos identificar uma tendência.

É importante entender e levar em conta o contexto histórico de cada situação, mas para que a análise seja relevante, é necessário focar em um período fixo.

Para entender situações que persistem, como o racismo ou o colonialismo, ou para responder a perguntas como «por que há desigualdade entre a América Anglo-saxã e a América Latina», pode-se fazer uma breve viagem histórico-geográfica. Isso abre a possibilidade de um importante processo educacional para o grupo e de saber que todas as pessoas presentes têm as mesmas informações históricas. Se houver uma necessidade percebida, podem ser organizadas sessões de formação específicas sobre as lutas agrárias na região, a formação do Estado, o processo de colonização, as lutas feministas na região, a formação do povo, etc. Quanto mais conhecimento tivermos, melhores serão as análises que faremos e melhores serão as ações que tomaremos como um movimento.

Qual é a área de estudo aproximada?

É possível fazer comparações e/ou correlações com outros períodos históricos e áreas geográficas por meio de dados e informações quantitativas.

O fato de nossas organizações serem regionais ou internacionais também nos permite identificar tendências nesses níveis (por exemplo, em relação à criminalização), bem como comparar respostas a problemas semelhantes.Le fait que nos organisations soient régionales ou internationales nous permet également d'identifier des tendances à ces niveaux (par exemple, en lien avec la criminalisation), ainsi que de comparer les réponses apportées à des problèmes similaires.

ANÁLISE DE CONTEXTO

1 Do local ao geral

Coletivamente, podemos identificar os problemas que temos em nossa vida diária, o que nos leva à necessidade de fazer uma análise. Nosso olhar/análise fará o movimento do particular para o geral, formularemos abstrações gerais e retornaremos ao particular como o «concreto pensado», percebendo em nosso cotidiano a generalidade que impacta todo um grupo, seja a classe trabalhadora, sejam as mulheres, sejam as pessoas negras, indígenas, LGBTI+, sejam as pessoas com diversidade funcional etc.

Por exemplo: nossa comunidade não está encontrando peixes suficientes e está sendo proibida de acessar outros locais de pesca. E quando reclamaram com as autoridades competentes, começaram a ser ameaçados de deixar o território onde vivem há gerações. Esse é um problema local, concreto, que impacta diretamente a vida de quem ali vive, e é facilmente percebido.

2



O panorama geral

Vamos pensar coletivamente sobre o panorama geral. De forma mais concreta, isso significa considerar os principais desenvolvimentos e práticas políticas, econômicas e sociais que moldaram o contexto atual.

Quais são as principais dinâmicas econômicas, ambientais, políticas, de segurança e sociais que influenciaram o contexto atual? Por que determinadas questões influenciaram o contexto de forma desproporcional (identidade, crises econômicas, transições políticas etc.)?

Seguindo o exemplo do ponto de partida local: por que a quantidade de pesca na área está diminuindo? Há poluição da água? Há barcos de pesca que destroem a reprodução dos peixes? De quem são esses barcos? ou quem está poluindo as águas? Há empresas de mineração na região? Quem são elas? Para onde levam os minerais que extraem daqui? Elas têm licenças ambientais?

E aqueles que ameaçam a comunidade, quem são eles? Por quem são pagos? Estão ameaçando outras comunidades? Como são as ações de violência contra mulheres, pessoas com diversidade funcional, negros, LGBTI+ e minorias?

Quais são as empresas interessadas nesse território e que meios elas têm (econômicos, militares, legais etc.) para se apropriar desses bens comuns?

>>As organizações destacam a importância do diálogo de conhecimentos e experiências nessa fase (usando, por exemplo, avaliações participativas como ferramenta).

>>Busca e seleção de fontes confiáveis de informações, que podem ser locais, nacionais, regionais e internacionais.

3

Causas e fatores estruturais

Quais são as causas e os fatores estruturais da criminalização?

As **causas estruturais** referem-se a causas sistêmicas e arraigadas. As causas estruturais geralmente são persistentes e podem ser difíceis de mudar.
Por exemplo, sistema político autoritário, corrupção, desigualdade econômica, etc.

Os **fatores** são elementos ou condições específicos que contribuem para um determinado resultado ou situação. Eles podem ser mais imediatos ou temporários e mais fáceis de modificar.

Por exemplo, leis repressivas, cobertura da mídia, etc.

Verifique se há necessidade de ampliar a formação com elementos de Economia Política. Esse conhecimento nos ajuda a entender os movimentos do capital, do "mercado", as necessidades das grandes empresas de buscar expansão, as formas de expansão do capital etc.

Nessa reflexão sobre as causas e os fatores estruturais, é necessário manter uma **perspectiva intersetorial.** Por exemplo, como se manifestam a divisão sexual do trabalho e a divisão racial do trabalho? Qual é o modelo de família majoritária? Que valores e concepções esses sistemas de opressão sustentam no contexto da análise?

Também é interessante considerar os motivos que levam as elites e as instituições a criminalizar os movimentos sociais.

Por exemplo: consolidar a posição das elites dominantes, perpetuar um sistema capitalista e racista, manter as taxas de lucro, expandir o «mercado», etc.

>> Para ir mais fundo:

Quais empresas, governos e outros estão envolvidos e têm interesse na região?

Quais corporações transnacionais, órgãos multilaterais, entidades internacionais/regionais estão ativas em vários ou em todos os países da região?

Que tipos de governos e estados existem na região? Monarquias, repúblicas, ditaduras, governos de extrema direita ou progressistas, etc. Se identificarmos o tipo de governo como uma ditadura, que elementos concretos nos permitem chegar a essa conclusão?

Quais são as riquezas da região? Água, biodiversidade, minerais, produtividade do solo, trabalho, etc.
Quais são os movimentos sociais ativos na região?

Quais são os objetivos, as estratégias e as ações dos movimentos sociais na região?

4

Ferramentas

Quais são as ferramentas e estratégias usadas pelas elites e pelos sistemas políticos nacionais ou internacionais para criminalizar os movimentos sociais, as organizações populares e seus membros?

Em um estudo anterior de SoliREsp sobre as tendências da criminalização, identificamos que a criminalização segue padrões que podem incluir (1) direcionamento: difamação, calúnia, descrédito; (2) repressão e perseguição: acusação, tentativas de intimidação; e (3) agressão física direta, assédio e assassinato nos casos mais graves. Um processo de criminalização e repressão pode incluir todas ou algumas dessas ações.

Sob essas diferentes formas de criminalização, diferentes ferramentas são usadas. Essas ou outras estão presentes no contexto que estamos analisando?

Desacreditar, difamar. Por exemplo, a construção do inimigo (tendo como alvo aqueles que questionam o sistema capitalista/patriarcal/colonial/racista/patriarcal/colonial). Em particular, a difamação de mulheres que lutam pelos direitos das comunidades (que podem ser marcadas como prostitutas, por exemplo). O objetivo é formar a opinião pública contra as organizações e as pessoas que fazem parte delas.



Espionagem, infiltração, etc. (observe aqui o uso de tecnologia, por exemplo, o sistema de espionagem israelense Pegassus).

Judicialização. Um estudo realizado por várias organizações do SoliREsp (Rearming/Reconfiguring States for Underground Capitalism: Mapping the main laws used to repress and criminalise peasants and other people living in rural areas in Colombia, Honduras, India and the Philippines) também identificou sete tendências que podem ser úteis para esta parte de nossa análise (consulte a tabela 1).

Violência direta. ameaças, assédio, desaparecimentos forçados, violência sexual, assassinato. As mulheres, em especial, podem ser assediadas e perseguidas com ameaças a seus filhos.

Visão interseccional: é importante pensar sobre as formas específicas de criminalização. Por exemplo, a violência sexual é uma estratégia usada especificamente contra mulheres e indivíduos LGTBIQ+.

Os migrantes, que são membros de organizações populares e movimentos sociais, são mais vulneráveis à criminalização que envolve situações legais precárias, discriminação e suspeita.
Os negros têm maior probabilidade de serem mortos e acusados de fazer parte do crime organizado ou de outros grupos armados, como no caso dos «falsos positivos».

TABELA 1: TENDÊNCIAS NA CRIMINALIZAÇÃO

Tendência 1: Mudanças nos códigos penais para restringir diferentes formas de protesto social e dissidência e para anular os direitos e liberdades fundamentais.

Tendência 2: militarização verde: as leis ambientais recém-aprovadas são usadas indevidamente para perseguir as populações rurais.

Tendência 3: A luta global contra o terrorismo como um elemento-chave na reconversão das políticas de segurança dos Estados.

Tendência 4: O ressurgimento de leis da era colonial. Na Índia, o governo recorre a leis que remontam à era colonial britânica para censurar e silenciar a oposição e a dissidência.

Tendência 5: Aumento dos poderes militares e policiais para proteger os atores e interesses comerciais e corporativos.

Tendência 6: Leis de vigilância e outras formas de exercer controle sobre a sociedade. Uso proeminente da mídia.

Tendência 7: Experimentando enclaves neocoloniais - Promovendo o domínio corporativo.

5

Manifestações

Quais são as repercussões e manifestações dessas estratégias de criminalização em nossos movimentos sociais e como elas afetam nossas lutas?

Por exemplo, menos fundos disponíveis, aumento da insegurança, etc.

Visão interseccional: para os sujeitos que já têm, a priori, menos direitos, a forma como a criminalização se manifesta será diferente. Por exemplo, os migrantes, se a repressão aumentar, terão ainda menos possibilidades de se manifestar, se organizar etc. (eles correm o risco de ter suas permissões de trabalho revogadas, seus pedidos de asilo negados etc.).

Os jovens estudantes podem perder vagas em escolas/universidades, bolsas de estudo, estágios, etc.

6 Atores (antagônicos, diferenciais, sinérgicos)*

O foco aqui é o equilíbrio de poder entre os diferentes atores, perguntando como sua organização interage com eles. Para fazer isso, eles podem classificar os atores em três grupos: atores antagônicos, atores sinérgicos e atores versáteis, este último grupo que se enquadra entre as duas categorias.

É importante que analisemos os atores por seu comportamento e não pelo que eles dizem ser.

O Estado (os três poderes do governo), os atores empresariais/corporativos (lobbies, think thanks, mídia, etc.) e os atores paraestatais (segurança privada, milícias, paramilitares, tráfico, etc.) desempenham um papel de liderança na criminalização.

*Esses três grupos são uma sugestão para organizar as informações de forma didática. O grupo que estiver fazendo a análise pode incluir ou excluir, ou desenvolver novas categorias.

>> Para aprofundar:

Identificação e mapeamento de atores, processos a favor e/ou contra nossos objetivos.

Identificação e distinção entre sujeitos antagônicos e sujeitos que são diferentes de nossas propostas e intenções e que atuam em nosso contexto de defesa ou no contexto em que queremos causar impacto.

7 Papel do Estado

Na análise do contexto, é importante obter informações sobre o tipo de Estado e o tipo e a tendência do governo. Informações sobre o serviço público, sobre onde temos aliados e inimigos, sobre as políticas públicas atuais, sobre o sistema judiciário etc. são importantes.

É possível perceber tendências no país organizando informações sobre crédito público, concessões e licenças ambientais, licenças operacionais etc. Se foram concedidas, quais empresas recebem mais contratos públicos etc.

O grupo pode verificar se há necessidade de organizar uma formação específica sobre o Estado, as Teorias do Estado, a Democracia, etc. E discussões sobre como vemos e como queremos que seja nossa organização comunitária do público e dos bens comuns.

8 Generalizações e especificidades

Nessa última fase da análise, o objetivo é identificar fenômenos gerais, causas e consequências dos aspectos analisados na produção da análise de contexto, orientada para a prevenção e reação à repressão e criminalização.

Algumas perguntas para nos orientar seriam:

- Como analisamos o comportamento da correlação de forças no período ou conjuntura que estamos analisando?
- A correlação de forças corresponde a nossos interesses, significados e horizontes político-organizacionais?
- Que ferramentas e oportunidades podemos usar para superar os obstáculos?

9 Retornando ao local, com uma perspectiva diferente

Agora que temos um quadro mais amplo para nossa compreensão dos problemas que enfrentamos em nível local, podemos ver com mais clareza quem é nosso inimigo e onde ele está localizado. Isso nos permite evitar brigas e discussões entre parceiros e estabelecer com mais certeza onde estão aqueles que podem nos ajudar em situações de emergência e na luta de longo prazo.

Agora sabemos que nossos problemas estão enraizados no sistema mundial de produção, que explora a classe trabalhadora e precisa que as opressões sejam mantidas, seja o sexismo, o racismo etc.

Voltando ao nosso exemplo, sabemos que há falta de peixes naquele rio, não porque o vizinho pescou demais, mas porque algumas grandes empresas estão interessadas em nos tirar daquele território.
Também temos mais clareza sobre como agir diante dessa ameaça e de uma possível agressão.

Em particular, é mais fácil entender a necessidade de nossa articulação com outras comunidades, de organizar movimentos sociais fortes, de andar de mãos dadas com outros movimentos, em outras partes do mundo, e de ter a capacidade de oferecer e receber solidariedade internacionalista.



Desenvolvimento coletivo na estrutura da aliança Solidaridad, Resistencia, Esperanza

Dezembro de 2024